

MACHADO DE ASSIS: *CRÊS EM SONHOS?*

Teresinha V. Zimbrão da Silva¹

RESUMO

Nesse artigo, trabalharemos com duas áreas de conhecimento, Literatura e Psicologia. Nossa proposta, portanto, é interdisciplinar: pretendemos analisar o conto intitulado *Um Sonho e Outro Sonho*, publicado no jornal *A Estação* (1892), da autoria do escritor Machado de Assis (1839-1908), do ponto de vista da Psicologia de Carl Gustav Jung (1875-1961), sobretudo, utilizaremos o conceito junguiano de Individuação. Por meio desse artigo, esperamos chamar a atenção para a importância dos estudos que trabalham com a interdisciplinaridade da Literatura e da Psicologia, como também esperamos estar divulgando a Crítica Literária Junguiana dentro dos Estudos Literários Brasileiros.

Palavras-chave: Machado de Assis. Crítica Literária. Psicologia Junguiana.

1 LITERATURA E PSICOLOGIA

*É certo e até mesmo evidente que a psicologia, ciência dos processos anímicos,
pode relacionar-se com o campo da literatura.
Carl Gustav Jung*

Esse trabalho tem uma proposta interdisciplinar: contribuir para a análise de obras literárias à luz da Psicologia Junguiana.

As relações entre Literatura e Psicologia são discutidas por Jung em um conjunto de ensaios publicados em português sob o título, *O Espírito na Arte e na Ciência* (JUNG, 1985). Nestes ensaios, Jung defende a interdisciplinaridade entre as duas áreas de conhecimento, espaço onde pretendemos nos situar. Jung

diferencia então dois procedimentos distintos na criação da obra literária: o visionário e o psicológico. No primeiro, há presença predominante de conteúdos desconhecidos que parecem provir das profundezas do inconsciente, já, no segundo, estão presentes conteúdos que a consciência conhece ou pode pressentir.

Estudaremos o conto machadiano *Um Sonho e Outro Sonho* (1892), como exemplo de obra psicológica. Nise da Silveira, psiquiatra e analista junguiana, já havia definido de modo semelhante, a obra machadiana: “Na literatura brasileira vamos encontrar excelentes exemplos de obras psicológicas nos romances e contos de Machado de Assis”. (SILVEIRA, 1977, p. 139)

Para Jung, é a obra visionária e não a psicológica que mais oferece possibilidades de interpretação ao psicólogo. Na obra psicológica, o autor antecipa a psicologia particular de seus personagens, sobra ao psicólogo pouco a acrescentar que o autor já não o tenha dito e muito melhor. Jung sublinha: “O assim chamado romance psicológico (...) tem por assim dizer sua própria psicologia, que o psicólogo poderia, no máximo, completar ou criticar”. (JUNG, 1985, v. XV, §136).

Apesar de Jung desencorajar então o estudo de obras psicológicas, esse trabalho pretende mostrar que a Psicologia Junguiana pode também acrescentar muito à leitura de Machado de Assis. O *Bruxo do Cosme Velho* é um autor conhecido pela produção de obras abertas à espera de um leitor para as completar. Em Machado de Assis, tudo está implícito, incluindo a própria psicologia. Nossa proposta, portanto, é estudar Machado de Assis à luz de conceitos junguianos, em particular, o conceito de *Individuação*, que será definido em seguida.

2 INDIVIDUAÇÃO

*é o velho jogo do martelo e da bigorna: entre os dois,
o homem, como o ferro, é forjado num todo indestrutível, num indivíduo.*

*Isso, em termos toscos,
é o que eu entendo por processo de individuação.*

C. G. Jung

O termo “Individuação” se refere à totalidade de um processo de desenvolvimento psíquico. Segundo a Psicologia Junguiana, todo ser humano tem em si o potencial para se desenvolver, embora aconteça a muitos, que este desenvolvimento seja “interrompido”, acontece a outros, ser este “realizado”. O processo é impulsionado por forças instintivas inconscientes, contudo, o homem pode influenciá-lo quando consegue estabelecer, através dos sonhos e de outras manifestações, um produtivo diálogo entre consciente e inconsciente. É a partir daí que aspectos parciais da personalidade irão se integrando na realização de um indivíduo definido como mais “inteiro” e “total”.

A Individuação corresponde a um movimento não linear onde o centro da psique se desloca do ego para o *self* (Si mesmo). Quando o ego, centro da consciência, passa a dar ouvidos aos conselhos do *self* vindos do inconsciente mais profundo, este se torna o centro da personalidade. Individuar-se é aconselhar-se com o *self*. É somente através dos seus conselhos que o ego se conscientiza das potencialidades inatas da psique e as realiza. O *self* é o conselheiro do ego realizador, daí a necessidade do diálogo entre consciente e inconsciente.

Apesar do processo de individuação variar muito de pessoa para pessoa e de não seguir um curso linear, é possível descrever, em caráter didático, suas principais etapas. A princípio, o processo se inicia com a retirada da máscara que usamos nas relações com o mundo: a *persona*. Esta máscara representa o nosso rosto tal como os outros esperam que ele seja, não necessariamente como ele de fato é. A *persona* está limitada a aspectos “claros” da nossa personalidade, aspectos aceitos pelo ego e que são compatíveis com as convenções sociais. Quanto mais esta máscara estiver colada ao rosto (identificação do ego com a *persona*), mais difícil será sua retirada.

Se bem sucedida a desidentificação de ego e *persona*, aparece então um rosto desconhecido que nos assusta: é a sombra. Vemos então aspectos escuros, sombrios da nossa personalidade, aspectos que não aceitamos em nós e que por isto mesmo reprimimos no inconsciente e projetamos no outro. Reconhecer esta projeção é parte do processo de iluminar a sombra. Quanto mais a sombra for

reprimida e mal projetada (dissociação entre ego e sombra), mais sombria e difícil de ser confrontada.

Depois do reconhecimento da própria sombra, é a vez do homem confrontar a sua *anima* e da mulher o seu *animus*. *Anima* é a personificação de tendências psicológicas femininas na psique do homem e *animus* a personificação de tendências psicológicas masculinas na psique da mulher. Por tendências psicológicas femininas e masculinas, entendam-se as características que são tipicamente identificadas como femininas e masculinas nas culturas a que pertencem este homem e esta mulher. Tais características constituem o que o homem e a mulher desconhecem em si mesmos. Se o que conhecem e desenvolvem são os seus respectivos egos masculino e feminino, o que desconhecem e precisam desenvolver são a *anima*, o lado feminino do homem e o *animus*, o lado masculino da mulher. E é muito importante que estes lados sejam reconhecidos e desenvolvidos porque são os responsáveis pelo relacionamento com o inconsciente. *Anima* e *animus* representam, no indivíduo, a sua voz interior.

Como todo conteúdo inconsciente, *anima* e *animus* tornam-se conscientes quando projetados no outro. Podemos então olhar, e como num espelho, vermos a nós mesmos. A *anima* é geralmente projetada em mulheres e o *animus* em homens. A dificuldade está em reconhecer que as características que estamos vendo no outro são na verdade nossas. Se o indivíduo consegue vencer esta dificuldade e passa a projetar adequadamente a sua *anima* ou *animus* de modo a desenvolvê-los, estes exercerão a sua função de intérpretes no diálogo com o inconsciente, transmitindo ao ego os conselhos do *self*.

Confrontados *anima* ou *animus*, o indivíduo estará mais próximo daquilo que, dentro do processo de Individuação, os junguianos definem como experiência da “totalidade”. Os reconhecimentos da *persona*, das projeções da sombra, de *anima* ou *animus* correspondem à integração de aspectos parciais do psiquismo. A conscientização destes aspectos através do diálogo entre consciente e inconsciente conduz o ser humano à experiência de tornar-se “Si mesmo”, um ser mais “inteiro” e “total”, integrado por consciente e inconsciente

em seus aspectos claro e escuro, masculino e feminino, receptivo aos conselhos do *self*.

3 MACHADO DE ASSIS À LUZ DOS CONCEITOS

Para estudar Machado de Assis a partir da Psicologia de Jung, decidimos pelo seguinte recorte: trabalhar um tema a partir de um conto. Como mencionado anteriormente, selecionamos *Um Sonho e outro Sonho*, publicado no jornal *A Estação* de 1892. A escolha desse conto tem duas razões de ser: a primeira é que é um conto pouco conhecido, não consta das *Obras Completas* publicadas pela editora Nova Aguilar em 1973, consta sim da edição de *Relíquias de Casa Velha* publicada por W. M. Jackson em 1937 (e coletado no site machadiano: <http://www.uol.com.br/Machadodeassis>, fonte que estaremos utilizando nesse trabalho); a segunda razão de ser é que o conto é representativo de um tema recorrente na obra machadiana, que é o sonho. Esse tema se oferece como muito apropriado para ser lido à luz dos conceitos junguianos. Já mencionamos que no processo de Individuação, os reconhecimentos da *persona*, da sombra, de *anima* ou *animus* correspondem à integração de aspectos parciais do psiquismo. A conscientização destes aspectos, segundo os junguianos, conduz o indivíduo à auto-realização. No conto *Um Sonho e Outro Sonho*, consideraremos o sonho como uma parte importante da construção psicológica dos personagens machadianos. O texto é construído de um ponto de vista feminino e através de conceitos como *animus*, sombra e *self*, procuraremos interpretar os sonhos narrados de modo a explicitar a psicologia da protagonista e estabelecer relações produtivas entre Literatura e Psicologia.

4 UM SONHO E OUTRO SONHO

Crês em sonhos? Há pessoas que os aceitam como a palavra do destino e da verdade. Outros há que os desprezam.

Uma terceira classe explica-os, atribuindo-os a causas naturais.

Machado de Assis

Genoveva, 24 anos, bonita, rica, viúva há três anos de um casamento que durara três anos. Recusara todos os pretendentes até então. É quando aparece o bacharel Oliveira para cortejá-la. Ela tem então um primeiro sonho onde o marido a faz jurar que não amará a outro homem. Genoveva reconhece que estava preste a amar Oliveira e decide lutar contra o sentimento nascente. Contudo, não consegue resistir por muito tempo e quando Oliveira lhe pede em casamento, ela aceita, apesar do juramento feito no sonho. Tem então um segundo sonho, onde o marido lhe cobra o cumprimento do juramento, profetizando que ela morrerá se casar com outro homem. Genoveva se casa com Oliveira e não morre.

Como mencionamos antes, partiremos do princípio de que os sonhos de Genoveva constituem uma parte importante da caracterização psicológica da personagem e tentaremos interpretá-los. Há ainda uma informação, não incluída nesse breve resumo do conto, que é também importante na construção da psicologia de Genoveva. Vamos a ela: no diálogo entre um pretendente e a mãe da viúva, a respeito do casamento da filha a mãe revela:

Viveram como dois noivos: o casamento foi até romanesco. Tinham lido não sei que romance, e aconteceu que a mesma linha da mesma página os impressionou igualmente... apaixonaram-se um pelo outro, como raras vezes vi". (<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>).

O conto foi publicado em 1892. O Romantismo no Brasil, a que se associa a descrição materna do casamento de Genoveva, já se finara. O narrador, em tom realista, comenta irônico: "A mãe exagerava no ponto de dizer que foi a frase do romance que ligou a filha ao marido: eles tinham naturalmente inclinação. A frase não fez mais que falar por eles. Nem por isso tira o romanesco de Genoveva e do finado Marcondes..." (<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>).

E a respeito do finado, o narrador ainda acrescenta:

fizera versos aos 18 anos, e, aos vinte, um romance, A Bela do Sepulcro, cuja heroína era uma moça que, havendo perdido o esposo, ia passar os dias no cemitério, ao pé da sepultura dele. Um moço, que ia passar as tardes no mesmo cemitério, ao pé da sepultura da noiva, viu-a e admirou aquela constância póstuma, tão irmã da sua: ela o viu também, e a identidade da situação os fez amados um do outro. A viúva, porém, quando ele a pediu em casamento, negou-se e morreu oito dias depois... (<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>).

O romance constitui, de fato, um lugar comum do Romantismo. E o narrador conclui sentencioso: “A Bela do Sepulcro era ilegível... pecado literário...”. (<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>). Notemos que Machado caracteriza, com ironia, o casal como “romanesco”, ou seja, contaminado pela concepção de amor romântico: um amor eterno que sobreviveria até a morte. É dentro desse contexto que devemos compreender os dois sonhos da viúva Genoveva.

Os Sonhos

Primeiro Sonho:

Apareceu-lhe o marido, vestido de preto, como se enterrara. E pôs-lhe a mão na cabeça. Estavam em um lugar que não era bem sala nem bem rua, uma coisa intermédia, vaga, sem contornos definidos. O principal do sonho era o finado, cara pálida, mãos pálidas, olhos vivos, é certo, mas de uma tristeza de morte.

__ Genoveva! Disse-lhe ele.

__ Nhonhô! Murmurou ela.

__ Para que me pertubas a vida da morte, o sono da eternidade?

__ Como assim?

__ Genoveva, tu esqueceste-me.

__ Eu?

__ Tu amas a outro.

Genoveva negou com a mão.

__ Nem ousas falar, observou o defunto.

__ Não, não amo, acudiu ela.

Nhonhô afastou-se um pouco, olhou para a antiga esposa, abanou a cabeça incredulamente, e cruzou os braços. Genoveva não podia fitá-lo.

__Levanta os olhos, Genoveva.

Genoveva obedeceu.

__Ainda me amas?

__Oh! Ainda! Exclamou Genoveva.

__Apesar de morto, esquecido dos homens, hóspede dos vermes?

__Apesar de tudo!

__Bem, Genoveva; não te quero forçar a nada, mas se é verdade que ainda me amas, não conspurques o teu amor com as carícias de outro homem.

__Sim.

__Juras?

__Juro.

O finado estendeu-lhe as mãos, e pegou nas dela; depois, enlaçando-a pela cintura, começou uma valsa rápida e lúgubre, giro de loucos, em que Genoveva não podia fitar nada. O espaço já não era sala, nem rua, nem sequer praça; era um campo que se alargava a cada giro dos dois, por modo que, quando estes pararam, Genoveva achou-se em uma vasta planície, semelhante a um mar sem praias; circulou os olhos, a terra pegava com o céu por todos os lados. Quis gritar; mas sentiu na boca a mão fria do marido que lhe dizia:

__Juras ainda?

__Juro, respondeu Genoveva.

Nhonhô tornou a pegar-lhe da cintura, a valsa recomeçou, com a mesma vertigem de giros, mas com fenómeno contrário, em relação ao espaço. O horizonte estreitou-se a mais e mais, até que eles se acharam numa simples sala, com este apêndice: uma eça e um caixão aberto. O defunto parou, trepou ao caixão, meteu-se nele, e fechou-o; antes de fechado, Genoveva viu a mão do defunto, que lhe dizia adeus. Soltou um grito e acordou. (<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>).

Segundo Sonho:

Não era a valsa do outro sonho, posto que, ao longe, na penumbra, via uns contornos cinzentos de vultos que andavam à roda. Viu, porém o marido, a princípio severo, depois triste, perguntando-lhe como é que esquecer a

promessa. Geneveva não respondeu nada; tinha a boca tapada por um carrasco, que era não menos que Oliveira.

__Responde Geneveva!

__Ah! Ah!

__Tu esqueceste tudo. Está condenada ao inferno!

Uma língua de fogo lambeu a parte do céu, que se conservava azul, porque todo o resto era um amontoado de nuvens carregadas de tempestade. Do meio delas saiu um vento furioso, que pegou da moça, do defunto marido e do noivo e os levou por uma estrada fora, estreita, lamacenta, cheia de cobras.

__O inferno! Sim! O inferno!

E o carrasco tapava-lhe a boca, e ela mal podia gemer uns gritos abafados.

__Ah! Ah!

Parou o vento, as cobras ergueram-se do chão e dispersaram-se no ar, entrando cada uma pelo céu dentro; algumas ficaram com a cauda de fora. Geneveva sentiu-se livre; desaparecera o carrasco, e o defunto esposo, de pé, pôs-lhe a mão na cabeça, e disse com voz profética:

__Morrerás se casares!

Desapareceu tudo: Geneveva acordou...

(<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>).

5 INTERPRETAÇÃO DE SONHOS

*Os sonhos, afirmo eu, comportam-se
como compensações da situação da consciência
em determinado momento.*

C. G. Jung

Segundo Jung, a psique constitui um sistema de auto-regulação. O que falta de um lado motiva um excesso do outro. Sendo assim, a relação entre consciente e inconsciente é compensatória. Esta seria uma das regras mais comprovadas na interpretação dos sonhos segundo a psicologia junguiana. Jung então aconselha ao intérprete que faça a si mesmo a seguinte pergunta: qual a atitude consciente do sonhador que está sendo compensada pelo sonho?

No caso narrado no conto, a viúva Genoveva recusa-se, romanescamente, a amar a outro homem. É esta atitude consciente que os seus sonhos vieram compensar. Contudo, sonhar com um finado marido que a convence a jurar-lhe amor eterno, parece antes reforçar e não compensar a sua atitude consciente. Contudo, lembremos que Jung alerta ao intérprete de sonhos, que os processos psíquicos compensatórios são de natureza quase sempre individual, o que dificulta, e muito, reconhecer seu caráter compensador. E ele exemplifica:

Com base na teoria da compensação, estaríamos mais inclinados a admitir, por exemplo, que um indivíduo com uma atitude exageradamente pessimista em face da vida tivesse sonhos serenos e otimistas. Mas esta expectativa não se verifica senão no caso de alguém cuja índole permite que ele seja estimulado e encorajado neste sentido. Mas se o seu temperamento for um tanto diferente, assumirão, conseqüentemente, uma feição mais negra ainda do que a atitude consciente. Eles seguem então o princípio de que similia similibus curantur [“As coisas semelhantes se curam com coisas de natureza semelhante”]. (JUNG, 1984, v. VIII, § 489).

Tal parece ser o caso narrado no conto. Afinal, apesar de no sonho jurar não mais se casar, Genoveva, na vida real, terminará por se casar outra vez. O “semelhante” não reforça, e, sim, parece curar o “semelhante”. Pois vejamos.

O primeiro sonho tem como conseqüência imediata, a conscientização de Genoveva de seu amor por outro homem: “Examinando a consciência, reconheceu que estava prestes a amar Oliveira”. (<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>). O sonho a torna consciente a respeito do sentimento reprimido e até então inconsciente: ilumina a sombra (no caso, os conteúdos censurados).

Notemos que o drama representado no sonho pode ser compreendido como partes do próprio sonhador. É o que Jung denomina de interpretação ao nível do sujeito. No conto, o marido personificaria a parte de Genoveva que a censura por estar amando a outro homem. Representa um *animus* (personificação masculina do inconsciente na mulher) negativo, responsável pela ideia obstinada da viúva, de fidelidade ao finado e à concepção romântica de amor eterno, obstinação que a afasta de um relacionamento com um outro homem e também da realidade. Se essa fantasia romanesca persistir, Genoveva correrá o sério risco de deixar a vida real passar ao largo.

No momento em que tem esse primeiro sonho, ela ainda não está preparada para confrontar a censura ao amor nascente por Oliveira. E é convencida por seu *animus* a se submeter ao juramento. Contudo, como também mostra o sonho, parte dela sabe que, se permanecer fiel ao finado e “valsar” com ele, será conduzida a um “mar sem praias”, ao deserto e à esterilidade. Esta é a mensagem do seu *self* (centro regulador da psique, responsável pelo desenvolvimento da personalidade), que entra em contradição com a mensagem do seu *animus*. A princípio, é a mensagem do seu *animus* negativo que Genoveva escuta. Ela interpreta o seu sonho como uma censura a que ela deve se submeter. “Ela cria em sonhos; tinha para si que eles eram avisos, consolações e castigos”. (<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>). Possuída por esse *animus*, a reação de Genoveva em relação ao amor nascente por outro homem é defensiva: “Estava dito: acabaria com aquele princípio de qualquer coisa que Oliveira conseguira inspirar-lhe e tendia a crescer”. (<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>).

Tivesse persistido com essa intenção, de não se casar outra vez, o seu sonho estaria, de fato, reforçando a sua atitude consciente. Contudo, Genoveva, já cônica de seus sentimentos por Oliveira, termina por não resistir à corte do bacharel, e aceita o seu pedido de casamento. Mas ela ainda encontra-se dividida: é uma aceitação com receio. Ela pensa muito no juramento não cumprido e tem insônia. É quando vem a ter o segundo sonho, mais lúgubre que o primeiro - e com a ameaça de um castigo mortal, se ela, de fato, se casar outra vez.

O sonho dramatiza os receios e a divisão de Genoveva. Parte dela ainda se sente culpada por infidelidade. Como não cumprira o juramento, seu *animus* negativo, representado pelo finado marido, a condena ao Inferno. Oliveira comparece no sonho a tapar-lhe a boca, impedindo-a de responder ao finado. Ele representa a parte de Genoveva que se recusa ao juramento. Comparece como carrasco. Talvez por ser aquele quem vai executar a sentença de morte da parte da viúva ainda fiel ao marido. Genoveva precisa libertar-se do seu *animus* negativo. Quando o carrasco desaparece, ela sente-se livre. Teria ele desaparecido, por já ter cumprido a

execução? Daí a sensação de liberdade de Genoveva? Há sinais que apontam para esta interpretação: o vento assustador pára, as cobras repugnantes dispersam-se. Genoveva pode então ouvir a profecia do finado: “Morrerás se casares!”, e ter a seguinte reação: “Desapareceu tudo. Genoveva acordou; era dia. Ergueu-se trêmula; o susto foi passando, e mais tarde, ao cuidar do caso, dizia consigo: “São sonhos”. Casou e não morreu.” (<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>).

Não mais possuída por seu *animus* negativo, Genoveva pode duvidar do significado imediato da profecia e se casar. No seu caso, o “semelhante” é curado com o “semelhante”.

Há ainda uma possibilidade de interpretação do sonho a ser considerada. Se entendermos a profecia de morte como se referindo à parte de Genoveva fiel ao finado marido, então temos que a profecia se cumpre, pois esta parte, de fato, morre quando Genoveva se casa com outro homem. Na verdade, na profecia pode-se entender tanto a censura ao casamento feita pelo *animus* negativo, quanto à sugestão do *self* de que Genoveva morra e renasça pelo casamento. E ainda que acredite não estar dando ouvidos aos seus sonhos, dessa vez, é a mensagem do *self* que Genoveva escuta. É pertinente acrescentar ao caso, o seguinte comentário da junguiana M. L. Von Franz:

A mulher deve buscar a coragem e a largueza de espírito interior capazes de lhe permitirem avaliar a inviolabilidade das suas convicções. Só então estará capacitada a aceitar sugestões do seu inconsciente, sobretudo as que contradizem opiniões do seu *animus*. Só então, repetimos, é que as manifestações do *self* hão de chegar a ela e fazê-la compreender conscientemente o seu sentido. (FRANZ, 1977, p. 195).

Os sonhos de Genoveva, ainda que aparentem não ser, são, de fato, compensatórios e constituem uma parte importante na caracterização psicológica da personagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nossa esperança que este artigo tenha conseguido estabelecer a interdisciplinaridade entre os campos de estudos literários e junguianos. Já é relativamente considerável a bibliografia sobre Literatura e Psicanálise, mas o mesmo não se pode dizer a respeito de Literatura e Psicologia Junguiana. Esperamos ter demonstrado que um tema recorrente na obra machadiana, o sonho, se oferece, de fato, como muito apropriado para ser lido à luz dos conceitos junguianos e que a Psicologia de Jung tem a contribuir, e muito, para a leitura de um autor psicológico como Machado de Assis.

MACHADO DE ASSIS: DO YOU BELIEVE IN DREAMS?

ABSTRACT

In this article, we shall work with two areas of knowledge, Literature and Psychology. Our proposal, therefore, is interdisciplinary: we intend to analyze a short story entitled *Um Sonho e Outro Sonho*, published in the newspaper *A Estação* (1892), by the writer Machado de Assis (1839-1908), from the point of view of the Psychology of Carl Gustav Jung (1875-1961), especially we shall work with the Jungian concept of Individuation. By means of this article, we expect to call attention to the importance of the studies working with the interdisciplinarity of Literature and Psychology, as well as we expect to be divulging Jungian Literary Criticism in Brazilian Literary Studies.

Keywords: Machado de Assis. Literary Criticism. Jungian Psychology.

NOTA

¹ Pós-Doutora e Doutora em Literatura Brasileira. Professora Associada da Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

REFERÊNCIAS

FRANZ, Marie-Louise von. O processo de individuação. In: JUNG C. G. et al. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 158-229.

JUNG, Carl Gustav. *Ab-Reação, Análise dos Sonhos e Transferência*. Petrópolis: Vozes, 1999. (*Obras Completas*, vol. XVI/2).

_____. *A Dinâmica do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1984. (*Obras Completas*, vol. VIII).

_____. *O Espírito na Arte e na Ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985. (*Obras Completas*, vol. XV).

_____. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

MACHADO DE ASSIS. Um Sonho e Outro Sonho. *Contos Completos de Machado de Assis*. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/Machadodeassis>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.